



TRANSFORMAÇÕES NA INDÚSTRIA DE CALÇADOS DE CAMPINA GRANDE-PB: O DESENVOLVIMENTO DE UMA COERÊNCIA PRODUTIVA ESTRUTURADA¹

Davidson Matheus Félix Pereira ²

RESUMO

O presente estudo busca analisar os fatores socioespaciais na reprodução e acumulação do capital industrial em Campina Grande-PB. Partimos dos processos particulares de expansão das relações de produção capitalistas no subsetor calçadista do município de Campina Grande para refletirmos sobre as formas pelas quais o processo de valorização do capital vem se dando atualmente. Do mesmo modo, analisamos os fatores políticos-institucionais e culturais que vem determinando o padrão de acumulação nessa cidade. Buscamos entender de que forma se deu o desenvolvimento do setor calçadista; analisar quais são as condições gerais de produção que influem no sistema produtivo calçadista e, refletir em que condições se formou uma coerência estruturada nesse espaço. A pesquisa está pautada em uma metodologia quali-quantitativa. Em que realizamos uma revisão bibliográfica acerca do processo de industrialização da cidade. Com o auxílio de pesquisa documental, realizada em jornais eletrônicos, órgãos governamentais e etc. Bem como, dados do Cadastro Central de Empresas do IBGE, e da RAIS.

Palavras-Chave: Indústria Calçadista; Campina Grande-PB; Coerência Estruturada; Condições Gerais de Produção; Geografia Econômica.

RESUMEN

El presente estudio busca analizar los factores socioespaciales en la reproducción y acumulación del capital industrial en Campina Grande-PB. Partimos de los procesos particulares de expansión de las relaciones de producción capitalista en el subsector del calzado en la ciudad de Campina Grande para reflexionar sobre las formas en que se da actualmente el proceso de valorización del capital. Asimismo, analizamos los factores político-institucionales y culturales que han ido determinando el patrón de acumulación en esta ciudad. Buscamos entender de qué manera ocurrió el desarrollo del sector del calzado; analizar cuáles son las condiciones generales de producción que influyen en el sistema productivo del calzado y, reflejar en qué condiciones se formó una coherencia estructurada en este espacio. La investigación se basa en una metodología cuali-cuantitativa. Realizamos una revisión bibliográfica sobre el proceso de industrialización de la ciudad. Con la ayuda de la investigación documental, realizada en los periódicos electrónicos, los organismos gubernamentales, etc. Así como, datos del Registro Central de Empresas del IBGE y de la RAIS.

¹ Esse artigo foi produzido sob supervisão da Prof^ª. Dra. Arlete Moyses Rodrigues. É produto da dissertação que realizamos: PEREIRA, D., M., F. *Reestruturação espacial e produtiva na Indústria de calçados de Campina Grande-Pb: Espaço e Trabalho No Regime De Acumulação Flexível*. -Dissertação de Mestrado, UFPB, João Pessoa. 2021., que contou com o financiamento da CAPES, realizada sob orientação da Prof^ª Dra. Arlete Moyses Rodrigues (UFPB- UNICAMP) e coorientação do Prof. Dr. Alexandre Sabino do Nascimento (UFPB).

² Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, davidsonacrata@outlook.com



Palabras-Chave: Industria del Calzado; Campina Grande-PB; Coherencia Estructurada; Condiciones Generales de Producción,; Geografía Económica.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo busca analisar os fatores socioespaciais na reprodução e acumulação do capital industrial. Partimos dos processos particulares de expansão das relações de produção capitalistas ao longo da história no subsetor calçadista do município de Campina Grande para refletirmos sobre as formas pelas quais a valorização desses capitais vem se dando. Dessa forma, nos distanciamos de um tratamento teórico pautado nos fatores de localização, como aqueles criticados por Lencioni (2007), ainda tão presentes na Geografia Econômica, para uma análise do desenvolvimento indústria a partir das condições gerais de produção. Nesse sentido apreendemos o processo de desenvolvimento das forças produtivas nessa cidade, considerando a criação de infraestruturas, as economias de escala geradas ao longo das décadas, e a criação de um mercado de trabalho local, especializado na produção calçadista.

Do mesmo modo, analisamos rapidamente os fatores políticos-institucionais e culturais que vem determinando o padrão de acumulação nessa “configuração espacial produtiva” (PEREIRA JÚNIOR, 2021), com o objetivo de entender de que forma as instituições políticas que atuam regionalmente e localmente, coordenaram o processo de desenvolvimento desse conjunto de capitais, a partir da criação de uma cultura do trabalho específica, de processos de aprendizagem locais, assim como de um “modo de regulação local”³. Nos esquivamos de uma análise descolada da dimensão da luta de classes, como tem sido proposto em análises institucionalistas, como por exemplo a de Conceição (2001), optando assim, pela escolha do conceito de “coerência estruturada”, como proposto por HARVEY (2005); (2016).

³ Em linhas gerais o modo de regulação é um conceito utilizado pela escola da regulação francesa para definir as formas pelas quais se dão os regimes de acumulação de capital. Esse conceito é retrabalhado por outros trabalhos como (HARVEY, 2005; 1996); (JESSOP, 2008). Em nosso caso, um modo de regulação local, seria uma noção para explicarmos como esse processo mais universal se dá de forma multiescalar, criando mecanismos de regulação particulares nos lugares e regiões.



Esse trabalho justificasse pelo papel crescente que o ramo calçadista vem adquirindo na economia urbana desse município. Atualmente, Campina Grande⁴ comanda o segundo maior polo de produção de calçados do Brasil, com uma produção estimada em 97 milhões de pares no ano de 2019 (ABICALÇADOS, 2019), em 2020 haviam 89 indústrias calçadistas instaladas no município (FIEP, 2020), que empregavam cerca de 11 mil trabalhadores.

Nesses termos, destaca-se a ação de alguns agentes instalados na cidade de Campina Grande: 1) a Alpargatas S.A, indústria que produz as sandálias da marca Havaianas, instalada desde os anos 1985 e que nos anos 2019 contava em sua produção com cerca de 8.000 trabalhadores; 2) a TESS Indústria e Comércio LTDA, que produz sandálias da marca Kenner, instalada desde os anos 2009 e que contava em 2019 com cerca de 1300 trabalhadores⁵ na produção; 3) as micro, pequenas e médias empresas de calçados, que totalizam cerca de 87 empresas em 2020, produzem uma grande variedade de calçados e artigos de couro, com cerca de 1500 trabalhadores ligados a produção.

Tendo esses elementos, temos como objetivos estruturantes de nossa análise: a) entender de que forma se deu o desenvolvimento do setor calçadista; b) analisar quais são as condições gerais de produção que influem no sistema produtivo calçadista e, c) refletir em que condições se formou a coerência estruturada nesse espaço.

2. PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

A pesquisa está pautada em uma metodologia quali-quantitativa. Em que realizamos uma revisão bibliográfica acerca do processo de industrialização da cidade. Para tanto, se fez necessário uma pesquisa documental, realizada em sites das empresas, jornais eletrônicos, de órgãos governamentais e etc. Realizamos alguns estudos de campo. Para compreender a dinâmica das relações de trabalho fizemos pesquisa e análise sobre o pessoal ocupado por setores em Campina Grande, a partir de dados do Cadastro Central de Empresas do IBGE (2018), bem como, um breve exame da

⁴Esse Polo é constituído pelos seguintes municípios paraibanos: Campina Grande, Mogeiro, Araruna, Guarabira, Serra Redonda, Ingá, Alagoa Nova

⁵ SINE de Campina Grande e Tess promovem capacitação para trabalhadores. Codecom/CG, Publicado em 24 de abril de 2019. Disponível em: <https://paraibaonline.com.br/2019/04/sine-de-campina-grande-e-tess-promovem-capacitacao-para-trabalhadores/>, Acessado em 01/07/2021.



evolução do número de empregos industriais desde a década de 90 dados através de dados da RAIS (MTE/RAIS, 2021).

3. A DIALÉTICA ENTRE AS CONDIÇÕES GERAIS DE PRODUÇÃO E A COERÊNCIA PRODUTIVA ESTRUTURADA⁶

O espaço é uma instância social, é meio e condição de existência da sociedade e ao mesmo tempo é um substrato social, produzido, refinado e transformado pelos homens e mulheres através do trabalho, da cultura e do tempo social, SOJA, (1993), SANTOS (1997). Ele é, portanto, definido pelas relações de produção gerais, que são simultaneamente e dialeticamente sociais e espaciais, isso significa dizer que o espaço estruturado é homólogo às relações de classe, que ambos são inseparáveis e condicionam mutuamente essas duas estruturas (SOJA, 1993, p.99). Sendo assim, o sentido do espaço é dado pela transformação da experiência social, ou seja, é socialmente produzido (SOJA, 1993, p.101-2).

Nesses termos, nas relações sociais historicamente determinadas pelo modo de produção capitalista, torna-se incontornável analisar as relações entre capital-trabalho na produção do espaço, inclusive do espaço produtivo. Com efeito, o Capital em geral (enquanto processo e relação social) tende a diminuição do valor final do produto através do desuso, e gastos dos próprios meios de produção, tornando necessário a sua reprodução, reestruturar ou criar toda uma infraestrutura, isto é, as novas condições gerais de produção que possibilitem a expansão da acumulação (HARVEY, 2005, p. 50).

Portanto, para podermos explicar a concentração do capital calçadista em Campina Grande, devemos considerar o espaço desse capital, o conceito de condições gerais de produção nos ajuda a entender essa dimensão, visto que desvenda as condições que viabilizam a produção e circulação de um conjunto de capitais, em consideração as relações sociais de produção (LENCIONI, 2007). Segundo Sandra Lencioni podemos encontrar dois conjuntos de condições gerais de produção 1. Meio de circulação em conexão direta com o processo de produção: Bancos, Redes de circulação material (rodovias, hidrovias, redes de circulação imaterial (telecomunicação, informática) 2.

⁶ Apesar do título a proposta do artigo não nos permite entrar em todas as mediações dessa relação. Mas acreditamos que possa ser uma chave de análise importante em futuras análises. Principalmente para podermos entender a relação entre a produção material do espaço produtivo e a criação das condições imateriais de sua reprodução.



Meios de consumo coletivos em conexão indireta com o processo de produção (hospitais, escolas, centros de lazer, esportivos) (LENCIONI, 2007).

Esses conjunto de fatores estão inter-relacionados na medida que se apresentam enquanto um tipo de consumo coletivo no espaço (LENCIONI, 2007). Assim, as diferentes frações de capitais (mas também a sociedade), dividem o consumo dessas infraestruturas e acesso a mão de obra especializada (HARVEY, 2016, p.141). O que muitas vezes implica na formação de aglomerados produtivos, que em busca das mesmas condições acabam se aglutinando em espaços que possuem determinadas infraestruturas. Essa mesma concentração, resulta em forças de atração e de coesão geográfica (CORRÊA, 2016, p.128), que inscrevem uma divisão territorial do trabalho no espaço de Campina Grande.

Portanto, se faz necessário resgatar uma história do desenvolvimento das relações de produção no município de Campina Grande, de modo que seja possível compreender a geografia do desenvolvimento das forças produtivas que sedimentaram as condições para o desenvolvimento desse subsetor. Consequentemente, a partir disso, pode ser possível entender o seu desenvolvimento e suas contradições, até chegarmos a compreensão de sua configuração socioespacial atual e das formas pelas quais o trabalho nesse subsetor pôde ser utilizado no processo de valorização do capital.

Contudo, o interesse do capital não se restringe apenas a quantidade de trabalhadores disponíveis em um mercado de trabalho urbano, mas também às condições imateriais específicas. Assim, para a reprodução dessas relações de produção é necessário que “todos cuidem para que todos permaneçam no mesmo lugar” (RODRIGUES, 1988, 33), ou seja, que o operariado crie uma noção de vigilância entre os demais e de dever para com o capital. Observamos que a racionalidade do operariado campinense, do ramo calçadista foi inscrita em um sistema de significados competitivo, onde o mérito (nas grandes indústrias) e a ideia de empreendedorismo (nas pequenas empresas) compuseram a cultura do trabalho na cidade, diminuindo os laços de solidariedade entre os trabalhadores. Apesar de não ser óbvio, essa dinâmica faz parte da produção de práticas espaciais específicas.

Desse modo, para que os capitalistas consigam aproveitar-se de “configurações espaciais produtivas” (PEREIRA JÚNIOR, 2020) que permitam a acumulação, muitas vezes lhes interessa buscar regiões onde já exista, ou que se crie por meio do Estado,



uma “coerência estruturada⁷”. Ou seja, a articulação no espaço dos elementos políticos, valores culturais, de crenças, que concedem um caráter específico à atividade política e econômica de uma região (HARVEY, 2016, p. 142).

Campina Grande, ao que nosso estudo indica, demonstra justamente a condensação desses elementos, visto o seu processo de formação socioeconômico, ter estado atrelado a cultura do algodão e do couro no século XIX (ANDRADE, 1973, p.152), culminando no desenvolvimento de uma importante indústria calçadista de bases tradicionais no início do século XX, relacionada a produção coureira-calçadista.

Esse subsetor se desenvolveu, para uma base tecnológica mais desenvolvida, assimilando alguns processos de produção tayloristas na década de 1960, passando por um processo de reestruturação em meados de 1980 e início de 1990, com a instalação de empresas de grande capital, como a Alpargatas S.A e com a recente instalação da empres TESS Indústria e Comércio, em 2009, ambas representando a assimilação de um modelo de produção fordista nesse sistema produtivo. Essa transformação na produção dessa cidade, evidencia o próprio movimento de valorização e acumulação do capital, que não se deu sem a utilização de estratégias específicas de extração de mais-valia. Cada período demarcou formas específicas de regulações, e arranjos diferentes de uma coesão estruturada na cidade e sua região.

Essa acumulação se dá na mesma medida em que a paisagem geográfica é reformada constantemente (HARVEY, 2005, p. 150). O espaço produtivo ou as configurações espaciais produtivas, assim como, as condições gerais de produção, são recriadas a partir dos interesses do conjunto de capitalistas, em marcos regulatórios e estratégias locais diferentes.

4. O DESENVOLVIMENTO DAS CONDIÇÕES GERAIS DE PRODUÇÃO NA INDÚSTRIA EM CAMPINA GRANDE

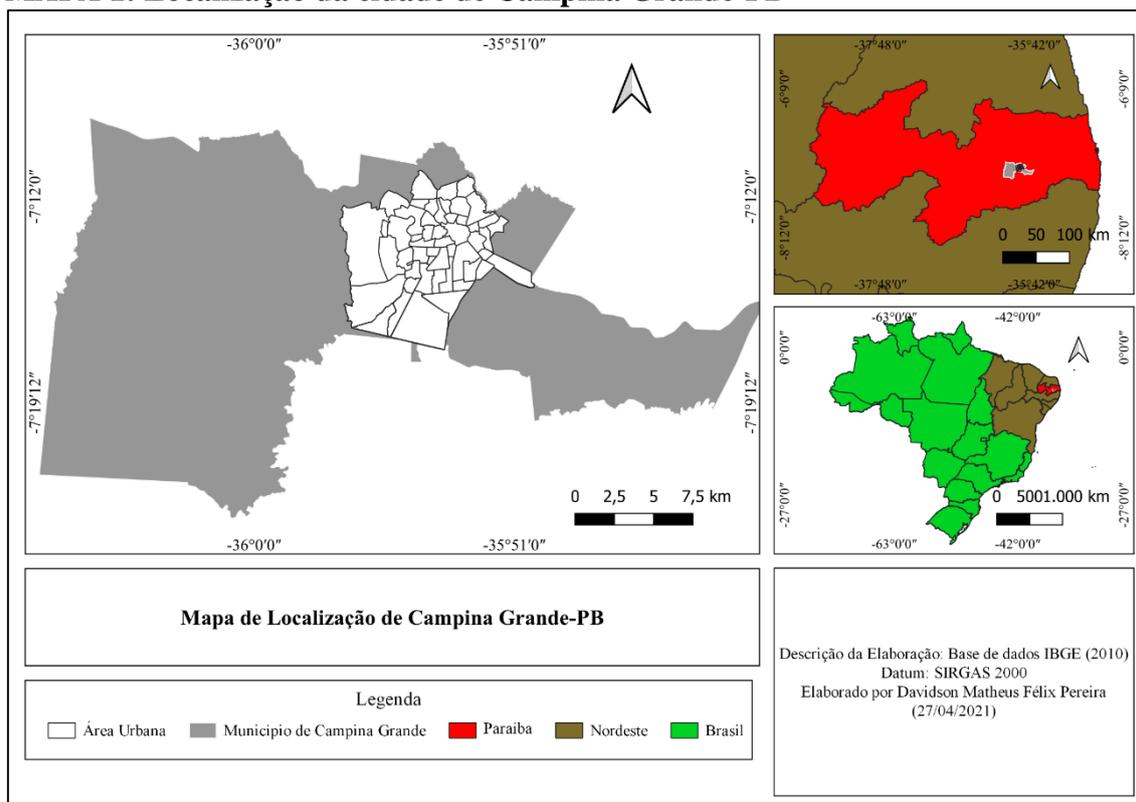
Campina Grande (Mapa I) teve sua formação socioespacial definida pela sua localização próxima aos "caminhos de penetração" para o Sertão, que permitiram sua conformação enquanto um centro de comércio de gado (ANDRADE, 1973, p.149-150).

⁷A coerência se reforça informalmente, embora não menos poderosamente, por intermédio da constância ou criação das culturas e das consciências nacional, regional e local (inclusive, tradições de luta de classes), que dão significado psíquico mais profundo às perspectivas territoriais (HARVEY, 2005, p.147).



Apenas no século XIX o cultivo de algodão vai se tornar uma atividade importante. Na verdade, a indústria de beneficiamento exigia um menor investimento de capital que aquela da cana de açúcar, o que permitiu, segundo Manuel Correia de Andrade, uma industrialização “barata e mais democrática”, que envolvia também os pequenos produtores.

MAPA 1: Localização da cidade de Campina Grande-PB



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do IBGE (2010).

Esse processo contribuiu para o desenvolvimento da vida urbana no Agreste nordestino. A partir dessas novas condições tornou-se possível a penetração das relações comerciais, integrando os processos produtivos desde o campo, com a produção da matéria prima, até a cidade, a partir do beneficiamento do algodão e comercialização desse mesmo. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento das forças produtivas nessas cidades, atraíram um contingente de trabalhadores e estabeleceu de maneira definitiva o trabalho assalariado (ANDRADE, 1973, p. 151).

Assim, as condições climáticas que permitiam o desenvolvimento da cultura algodoeira no Agreste paraibano facilmente permitiram a imbricação desta à pecuária bovina, na medida em que a produção de gado e de algodão na mesma propriedade se complementava (inclusive pelo uso da palha de algodão como alimento para o gado). A



industrialização decorrente desse processo, logo provocou a ascensão social de uma camada da sociedade antes despossuída (ANDRADE, 1973, p.152), mas também deve ter contribuído para o desenvolvimento de outros ramos produtivos, em função das demandas criadas pelo aumento da renda global da população. Talvez o ramo calçadista tenha se desenvolvido em função desse movimento.

Assim, um importante desenvolvimento industrial se deu em Campina Grande a partir dos anos 1930. A situação geográfica permitia aos comerciantes e industriais do município obterem uma conexão direta com o sertão paraibano. Isso conferiu condições de crescimento tanto para a economia algodoeira, através da absorção do produto de outras regiões, quanto para a gênese de uma indústria calçadista nascente de bases semiartesaniais, via acesso ao mercado coureiro.

Portanto, a industrialização da cidade se dá inicialmente com o desenvolvimento do ramo têxtil. O processo produtivo, era sobretudo pautado no beneficiamento e prensagem de algodão, imprimido, especialmente após a instalação da SANBRA (Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro S.A), (Figura 1), em 1935, mas também, das empresas Anderson Clayton e a Zé Marques de Almeida. Desse modo, as economias geradas por essas empresas, e pelo desenvolvimento ferroviário, subsidiaram as condições de acumulação de capitais necessários à alavancagem de outros subsetores, como o calçadista (ALVES, 2013, p. 83).



FIGURA 1: A SANBRA



Fonte: RETALHOS históricos de Campina Grande, **A SANBRA**. 2012. Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com/2009/11/sanbra.html#.YXmlj7MLIV>, Acessado em: 20/09/2021.

O subsetor calçadista nasce em Campina Grande na década de 1930, com a instalação dos curtumes de Manoel Motta e de Vilarim Meira, e do Curtume São José (Figura 2), localizado no bairro Catolé, no ano de 1924. A importância de Campina Grande como principal produtora de calçados na época, era tão evidente que, entre o período de 1937 a 1945, a cidade já contava com mais de 30 novas indústrias calçadistas. (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2009, p 29).



FIGURA 2: O CURTUME SÃO JOSÉ



Fonte: fotografia acervo da FIEP, disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com/2010/06/memoria-fotografica-o-curtume-sao-jose.html>, acessado em 20/09/2021.

Com efeito, o nascente ramo calçadista entra em crise nos anos 40, após o encarecimento dos insumos. Essa crise apenas virá a ser superada na entrada da década de 1950 (ano em que se instala a primeira unidade do SENAI-Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial na cidade). Nesse período introduz-se o couro sintético nos processos produtivos, consequentemente diminuindo os custos de produção (OLIVEIRA; RODRIGUES, 2009, p.30). Esse é um ponto importante a se analisar, pois, indica que a dependência com relação aos insumos do Sertão paraibano se encerra, dando lugar a uma maior dependência com relação às outras regiões.

Além do mais, a capacidade dos produtores adquirirem mais insumos, pode ter vindo a contribuir para o aumento da produção e até mesmo de capital, permitindo o crescente investimento em capital fixo (maquinário, móveis e imóveis), e, uma maior composição técnica nos processos produtivos. Do ponto de vista da força de trabalho, também é provável que as transformações na estrutura produtiva, exigiram uma nova divisão técnica do trabalho, posto que é nesse período que dá a instalação da primeira unidade do Serviço Nacional da Indústria - SENAI – na cidade, com cursos de metalmeccânica.



É possível que esses fatores tenham sido responsáveis por parte do desenvolvimento da indústria calçadista moderna da cidade, nesses termos os anos 1960 estabelecem um novo padrão de acumulação na cidade, cada vez mais ligado ao setor industrial. Nesse período, o capital industrial era sobretudo advindo da própria cidade e região, em 1960, 9 das 12 empresas com mais de 50 operários eram de capital local. Uma vez que, os capitalistas do setor comercial na cidade, passavam cada vez mais a investir na indústria, acompanhado pelos investimentos do próprio operariado nascente na indústria de beneficiamento de algodão. Nesse sentido, o capital industrial passou a estruturar a vida urbana em Campina Grande, ao passo que as indústrias alimentícias e químicas (para produção de produtos de higiene) encontraram uma demanda local considerável (CARDOSO, 1963, p. 426).

Contudo, esse novo padrão de acumulação local e o correspondente aumento do proletariado urbano, criaram as condições gerais de produção para a transformação das relações de produção existentes no setor industrial da cidade. Sendo assim, nos anos 1965, tem-se a instalação da indústria de metal-mecânica Wallig Nordeste, oriunda da cidade de Porto Alegre-RS, fabricante de fogões a gás, que chega a empregar cerca de 2.000 operários. Podemos dizer que a instalação dessa empresa, transforma totalmente o espaço produtivo na cidade e as configurações das relações capital-trabalho, principalmente, através da generalização do assalariamento na cidade e a constituição de uma configuração espacial produtiva mais ampla.

Vale lembrar, que a instalação dessa empresa, gerou a abertura de uma certa cadeia produtiva na cidade, que passou a servir essa grande indústria e uma cultura proletária inexistente até então. Esse desenvolvimento industrial mais geral na cidade vem a contribuir determinantemente no aumento da população urbana do município, como veremos mais à frente.

Por sua vez, a partir desse processo de fixação de capital no espaço campinense, o ramo calçadista também se transforma aproveitando-se desse desenvolvimento das forças produtivas. Se até os anos 1960 o ramo calçadista estava relativamente atrelado as bases semiartesaniais, com uma estrutura produtiva pautada em pequenas e microempresas, após meados dessa mesma década, ele passa a apresentar um novo conteúdo. Em 14 de dezembro de 1966, instala-se no Distrito Industrial da cidade uma unidade fabril da recifense, BESA – Borracha Esponjosa S.A Indústria e Comércio, através de incentivos oferecidos pela SUDENE. Essa indústria representaria uma



reviravolta nas formas de produzir do setor dessa cidade, produzindo a sandália estilo japonesa, da marca “Dupé”.

Na época a empresa já demonstrava ser uma das principais da cidade no ramo, reafirmando sua posição em 1971, em que há uma alavancagem de sua produção a partir de um novo incentivo da Sudene (BESA, 1972). Esses incentivos permitiram a diversificação e ampliação de sua linha de produção, com a produção de placas micro porosas “Dupelite”, saltos e solados de borracha compactos e vulcanizados. A essa altura a indústria produzia 3.041.280 sandálias ao ano em um regime de trabalho de 20 horas/dia ,300 dias/ano, mantendo um considerável crescimento. Nesse mesmo ano, é fundado por Sebastião Severino Acioli, o Sindicalçados/PB -Sindicato da Indústria de Calçados do Estado da Paraíba.

Dessa forma, a medida que as relações de produção capitalistas e a cultura industrial na cidade cada vez mais se consolidava, o capital exigia cada vez mais uma maior qualificação da mão de obra e uma organização empresarial. Nesse contexto, os grupos hegemônicos presentes na cidade, articularam a construção do núcleo regional do Instituto Euvaldo Lodi – (IEL), em 1969. A principal intenção do instituto no estado era a de viabilizar a transferência de tecnologia e capacitação em gestão, além de oferecer estágios, promovendo a "interação entre alunado e empresa" especialmente na área de gestão (OLIVEIRA; RODRIGUES,2009, p 138).

Essa instituição, provavelmente veio a estimular uma reorganização das empresas calçadistas, fortalecendo a “cultura patronal” na cidade. Devemos ressaltar também, a importância da criação do Curso Superior de Couros e Tanantes da UFPB (hoje UFCG). Criado em 1970, a partir de esforços de agentes locais, que buscavam consolidar o polo calçadista campinense (LEMOS, 2003, p.42). Também podemos dizer que esse instituto contribuiu com a formação de uma coerência estruturada no espaço campinense, na medida em que permitiu a transferência de tecnologias para facilitar e expandir o desenvolvimento das atividades produtivas, conferindo uma nova configuração ao espaço. Da mesma forma que, permitiu a inserção de novos ritmos de aprendizagem do processo laboral e de administração dos processos produtivos.

Essa dinâmica de formação de uma consciência de classe (dos pequenos capitalistas) localmente posicionada, impulsionou um processo de organização maior dos proprietários de empresas calçadistas. Assim em 1971, é criado o Sindicato patronal dos calçadistas, o Sindicalçados, essa articulação entre esses pequenos capitalistas, irá



ser imprescindível para a expansão e o remanejamento dessas atividades industriais de pequenas dimensões.

Não obstante ao desenvolvimento do setor de transformação de Campina Grande, o setor de comércio continuava a ter um papel central na economia do município. Nos anos 1970, esses fatores conferiam a Campina Grande um importante papel de centralidade na rede urbana nordestina, até mesmo na rede urbana brasileira (CARDOSO, 1963, p.435), principalmente através do comércio atacadista. Contudo, com a integração dos transportes e o desenvolvimento de outros centros regionais no sertão Nordestino, a influência de Campina Grande se viu diminuída com relação a esse mesmo papel.

Contudo, isso parece-nos ter sido um fator importante, para o avanço do desenvolvimento industrial na cidade, o que nos leva a considerar a hipótese de um possível deslocamento de parte do capital comercial para o setor industrial, dado o grande crescimento do número de estabelecimento industriais, que foi da ordem de 38,7 % entre 1960-1970 e 42,85% entre 1970-1980 (Tabela 3). Onde as empresas passaram a se aproveitar do crescimento populacional herdado pela cultura algodoeira, mas também, pelo fato de Campina Grande em 1958 ter deixado de ser "ponta de trilho", ao se ligar à rede ferroviária de Recife (CARDOSO, 1963).

TABELA 1: N° total de Estabelecimentos ou Unidades Locais da Industria em Campina Grande-PB

| | 1960 | 1970 | 1980 | 1995 | 2006 | 2017 | 2018 |
|-------------------------|------|------|------|------|------|------|------|
| Número de estab. | 212 | 294 | 420 | 803 | 789 | 832 | 771 |

Fonte: Elaboração Própria a partir de dados do IPEA, Censo Industrial do IBGE-1960 e do IBGE- Cadastro Central de Empresas (2018), em <http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx> e <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/6449#resultado>, acesso em 09/07/2020.

Desse modo, temos como hipótese, que essa diminuição no papel de centro comercial, pode ter vindo a diminuir a necessidade de produtos agrícolas, associado ao pujante desenvolvimento industrial, pode ter vindo a atrair um contingente de mão de obra da região circundante a Campina Grande e de sua zona rural. Como mencionamos anteriormente, a expansão da indústria metalomecânica com a Wallig Nordeste, contribuiu para essa expansão urbana (Tabela 1).



TABELA 2: População Residente no Município de Campina Grande-PB

| | 1950 | 1960 | 1970 | 1980 | 1991 | 2000 | 2010 |
|------------------------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|
| População Total | 173.206 | 204.583 | 195.303 | 247.827 | 326.307 | 355.331 | 385.213 |
| Rural | 91.874 | 132.999 | 27.968 | 19.645 | 18.839 | 17.847 | 18.004 |
| Urbano | 81.332 | 71.584 | 167.335 | 228.182 | 307.468 | 337.484 | 367.209 |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do IPEA e IBGE (2010), em <http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx> acessados em 09/07/2020.

Para melhor ilustrarmos esse argumento, observemos que nos anos 1970 sucede-se a inversão populacional no município, característica da virada urbana no Brasil (SANTOS, 2013, p.31). Nos anos 1970, como pode ser visto na Tabela 1, há uma queda de cerca de 79% da população rural do município e um aumento de 57,2% de população urbana, ou seja, uma taxa de urbanização de 85,6% que contrasta com a taxa de 34,9% nos anos 1960.

Esse movimento foi paralelo a generalização do modal rodoviário e dos caminhões que permitiram a circulação de mercadorias e nesse caso, principalmente de insumos, portanto, oferecendo as condições ao desenvolvimento industrial de ramos antes inviáveis, como era o caso das indústrias calçadistas que utilizavam de insumos plásticos e de borracha, que possuíam altos custos em Campina Grande, antes de sua integração territorial.

Essa é uma parte da explicação para entendermos as condições gerais de produção em Campina Grande que levaram ao interesse pela instalação de grandes empresas calçadistas anos depois. Logo, em meados da década de 1980, o setor calçadista de Campina Grande ganha ainda mais importância no estado da Paraíba. Em 1983, através dos incentivos fiscais oferecidos, a Azaléia S/A, empresa do Rio Grande do Sul, se instala na cidade e passa a produzir sandálias femininas (LE MOS, 2003, p.36).

A partir disso, temos um marco importante, na estrutura produtiva calçadista, nessa altura, no ano de 1985, a Alpargatas S.A compra a empresa BESA - Borracha Esponjosa S.A que fabricava as sandálias da marca Dupé. Com isso, além de adquirir um poder de monopólio sobre o mercado consumidor — visto que ambas eram concorrentes —, a Alpargatas passa a empregar a mão-de-obra pré-qualificada, e explorando a fácil assimilação dos trabalhadores, em função de semelhanças entre a linha de produção adotada e a anterior, assim como, da infraestrutura fabril preexistente,



trazendo apenas alguns poucos profissionais de São Paulo e de Recife para ajustar o processo produtivo⁸.

5. O ESTADO CAPITALISTA COMO MEDIADOR DA ACUMULAÇÃO DE CAPITAL

Como veremos a seguir, a ação do Estado era coordenada em função dos incentivos fiscais dados as grandes empresas e a produção de infraestruturas que permitissem a produção e circulação do capital na cidade. Essa política era coordenada em grande parte pelo poder público federal, em um padrão de desenvolvimento voltado a grande indústria. Contudo a partir do final dos anos 80 identifica-se uma mudança no planejamento estatal, com particularidades para o subsetor calçadista em Campina Grande.

Nos anos 1980 é idealizado, como iniciativa do Projeto Cidades de Porte Médio do Ministério do Interior o projeto O Fabricão. Tinha por objetivo, realizar ações que possibilitassem a geração de emprego e renda, sobretudo, no setor de movelaria e calçadista (OLIVEIRA; NETO, 2009, p.73). Na prática, a ideia seria reunir trabalhadores do mesmo setor em um mesmo espaço, de forma a gerar economias de escala no processo de produção, considerando o compartilhamento dos meios de produção. A CINEP (Companhia de Desenvolvimento da Paraíba) e a Prefeitura eram os órgãos responsáveis pela fiscalização do projeto, apesar de na prática não se efetivar. O Fabricão, era nesse sentido, parte da estratégia de fortalecimento do polo calçadista em Campina Grande. A partir dessa iniciativa previa-se a socialização de algumas ferramentas e meios de produção, assim como dos conhecimentos do ofício calçadista. Entretanto, acabou por se tornar um aglomerado de boxes individuais privatizados.

Nos anos 2000 o empreendimento possuía 14 empresas instaladas, sendo 85% informais, produzia mais de 800 mil pares de calçados por ano, com o valor de R\$ 5, 6 milhões/ano, gerava 181 empregos diretos e 386 indiretos, segundo o até então gestor do programa de Couro e calçados do Sebrae na Paraíba (ROQUE apud OLIVEIRA; NETO, 2009, p.74).

Até 2005 a Prefeitura era a principal financiadora do projeto, cedendo o espaço físico e disponibilizando alguns equipamentos. A gerência era designada pela mesma,

⁸ Entrevista realizada com ex-diretor da Alpargatas.



mas não possuía nenhum vínculo Estatal, uma gerência em situação *ad hoc*. O operador das máquinas de uso comum era pago pelos próprios empreendedores, sediados no Fabricão, segundo o gerente administrativo da época. Para além da Prefeitura, haviam outros parceiros como: o Banco do Brasil, a Fundação Banco do Brasil, destacava-se o BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento, por meio de financiamento a Fundo Perdido (OLIVEIRA; NETO, 2009, p.75).

Associado a parceria com o BID e a Agência Promos da câmara de Comércio de Milão, na Itália, o projeto possuía inspiração no conceito de Arranjo Produtivo Local, desenvolvido na UFRJ (OLIVEIRA; NETO, 2009, p.76). A intenção do projeto — que também era tocado nos anos 2002 no Pará e Rio de Janeiro —, era reestruturar o polo calçadista nos moldes dos distritos empresariais italianos. (OLIVEIRA; NETO, 2009, p.77).

É notável a função desempenhada pelo estado da Paraíba na coordenação desse projeto, bem como o estado na esfera municipal. Isso demonstra que a descentralização do planejamento estatal, sem uma real descentralização do capital não mitiga as dificuldades que os empreendimentos de pequeno capital possuem em se desenvolver frente a concorrência. Muda-se as condições políticas para a coordenação e regulação dessas atividades produtivas, sem tocar nas condições materiais para a reprodução dessas atividades. Essa política mais descentralizada irá se tornar cada vez mais comum no polo calçadista campinense.

Ainda nos anos 2007, é realizado um novo empreendimento, que irá desempenhar um papel importante na configuração produtiva de calçados de Campina Grande. O Centro de Couro Calçadista Manuel Raimundo Souto, foi uma realização do Governo do estado e da Companhia de Industrialização da Paraíba (Cinep), junto aos parceiros SEBRAE na Paraíba, por meio do projeto Arranjo Produtivo Local de Calçados e Afins, Fiep /SENAI e Sindicalçados, inaugurado em Junho de 2007, destinado a instalação de 17 pequenas empresas. Contudo, há indícios de que o padrão da ação pública não diferiu, da efetivada no projeto do Fabricão, ou seja, não houve um ordenamento adequado por parte do estado (OLIVEIRA; NETO, 2009, p.78):

(...) o que tem restado, por parte do poder público, são ações envolvendo poucos recursos, de caráter pontual, com evolução descontínua, desarticuladas entre si e em relação a outras ações públicas, dotadas de baixa institucionalidade, que as fazem pouco



efetivas (social e economicamente) e de fácil captura por parte de práticas clientelistas" (OLIVEIRA; NETO, 2009, p.79).

Para a instituição desse cluster, representantes das instituições de desenvolvimento industrial da cidade participaram de um curso de desenvolvimento de distritos industriais na Itália (AQUINO; PINHEIRO, 2006, p.85),

Assim, em meados de 2000, esse subsetor apresentava uma relativa diversificação da produção, com a produção de sapatos masculinos e femininos, sandálias masculinas e femininas, tênis, chuteiras, calçados infantis, botas de segurança e sandálias Havaianas (AQUINO e PINHEIRO, 2006), gerando o interesse de alguns agentes para a consolidação desse polo a partir de algumas ações do poder público, AQUINO e PINHEIRO (2006, p.79). Destacam-se, entre as ações realizadas para tal: a criação do Curso Superior de Tecnologia Química Modalidade Couros e Tanantes/ UFCG o Centro Nacional de Tecnologia do Couro e do Calçado Albano Franco - CTCC/SENAI; o COMPETIR/ SENAI/SEBRAE/GTZ; o protocolo de intenções de 22/08/96, celebrado entre o Governo do Estado, o Sindicato das Indústrias de Curtume da Paraíba e o Banco do Nordeste; o Programa de ações Integradas para o Desenvolvimento do Governo do Estado.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel do Estado e as instituições agiram diretamente na criação de condições gerais de produção e na produção de um espaço produtivo funcional aos interesses do capital, seja na produção de infraestruturas, incentivos fiscais, novas regulações, ou mesmo e no ensino especializado e na disciplinarização da força de trabalho local.

Importante também, foi a atuação de órgãos de aprendizado, como o SENAI, que permitiram a introdução do couro sintético e de novos processos produtivos, dinamizando o subsetor calçadista e criando as condições para o desenvolvimento do grande capital desse ramo.

Chamo a atenção também para o efeito cumulativo que os variados capitais de ramos distintos tiveram na formação de uma cultura operária local e no aprendizado coletivo. Nesse sentido, as grandes empresas calçadistas como a Alpargatas e a TESS encontraram condições gerais de produção adequadas como: uma rede de transportes rodoviários relativamente integrado, instituições de treinamento, energia em



abundância, uma mão de obra dócil, disciplinada e barata. Esses fatores produtivos possibilitaram a crescente extração de superlucros, através da captura dos recursos estatais e da alta taxa de exploração da força de trabalho, mesmo em condições de menor concentração territorial de meios de produção coletivos.

Contudo, não é apenas o Estado capitalista que intervém na estruturação desse subsetor, a coerência produtiva estruturada nessa cidade também tem que ver com a cultura do trabalho e patronal criada pelas classes hegemônicas desse município. Além de um processo de proletarianização da população do município, que corresponde a uma mudança na rede urbana a qual Campina Grande se inseria. Afinal, além da infraestrutura criada para esse capital, é importante observar a ideologia do papel do trabalho industrial que foi se constituindo durante as décadas, a partir de novos processos de expansão e transformação nas relações de produção. Embora essa análise não tenha sido o objetivo principal do presente artigo, me parece um tanto evidente que a expansão do capital, apenas pôde se dar nessa cidade, via acumulação de trabalhos pretéritos e de cotidianidades do trabalhar marcadas pela exploração, que parecem reverberar até os dias atuais no ideário do trabalhador calçadista.

7. REFERÊNCIAS

ABICALÇADOS. **Relatório setorial: Indústria de calçados do Brasil em 2019.** Associação Brasileira das Indústrias de Calçados. Novo Hamburgo, 2020.

ALVES, Leonardo da Silva. **Os Incentivos Fiscais e a Indústria de Campina Grande de 1960 a 2011.** (p. 83-90) In: Campina Grande Hoje e Amanhã. Antonio Guedes Rangel Junior; Cidival Moraes de Sousa. 2. ed. - Campina Grande: EDUEPB, 2013.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A Terra e o Homem no Nordeste.** 3º Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1973.

AQUINO; PINHEIRO (Orgs.), **Programa de Desenvolvimento de Distritos Industriais: Uma Experiência de Internacionalização de APLs/** Carlos Aquino e Eliane Pinheiro (Organizadores). - Brasília: SEBRAE, 2006.

BESA, Borracha Esponjosa S/A Indústria e Comércio. **Balanco Geral e Demonstração da Conta de Lucros e Perdas.** Campina Grande, 1972.

CARDOSO, Maria Francisca Thereza. C. **Campina Grande e sua Função como Capital Regional.** In: Revista Brasileira de Geografia. Volume 25, Número 04. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, out./dez. 1963. p.415-451.



CONCEIÇÃO, Octavio A. C. **Os antigos, os novos e os neo-institucionalistas: há convergência teórica no pensamento institucionalista?** Revista Análise Econômica. Porto Alegre, v. 19, n. 2001, p.25-45.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Processos, Formas e Interações Espaciais** R. Bras. Geogr., Rio de Janeiro, v. 61, n. 1, p. 127-134, jan./jun. 2016.

FIEP. **Guia Industrial da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba.** Consultado em março de 2020. Disponível em: <http://guiaindustrial.fiepb.com.br/empresas?consulta=&cidade=CAMPINA+GRANDE&placeholdercidade=Campina+Grande&cnae=442&placeholdercnae=Fabrica%C3%A7%C3%A3o+de+cal%C3%A7ados+de+couro>, acessado entre Janeiro e maio de 2020.

HARVEY D. **A Produção Capitalista do Espaço.** Tradução Carlos Szlak. Coordenação Antônio Carlos Robert Moraes. São Paulo: Annablume, 2005.

HARVEY D. **17 Contradições e o Fim do Capitalismo.** Tradução Rogério Bettoni. – 1.ed. – São Paulo: Boitempo, 2016.

JESSOP, Robert. **El Futuro del Estado capitalista.** Traducción: Antonio De Cabo Y Aniza Garcia. Editora: CATARATA. Madrid, 2008.

LEMOS, Cristina. **Arranjos produtivos locais no Brasil: o caso do arranjo coureiro-calçadista de Campina Grande (PB).** Parcerias Estratégicas - Número 17 - Set/2003.

LENCIONI, Sandra. **Condições gerais de produção: um conceito a ser recuperado para a compreensão das desigualdades de desenvolvimento regional.** Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2007, vol. XI, núm. 245 (07). <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-24507.htm>> [ISSN: 1138-9788]

OLIVEIRA; NETO. **Indústria Calçadista, emprego, Qualificação e Ação Pública em Campina Grande**, (p.59-84). In: Campina Grande em Debate: A Condição Urbana da Periferia pela Lente do Trabalho e das Políticas Públicas, Roberto Vêras de Oliveira (Org.) Campina Grande: EDUEPB; EDUFCEG, 2009.

OLIVEIRA; RODRIGUES (Orgs.). **Memorial FIEP: Seis Décadas de ações Transformadoras/Maria José Silva Oliveira José Edmilson Rodrigues (orgs.)** – Campina Grande. Gráfica Marcone, 2009. 226p.

PEREIRA JÚNIOR, E. **Geografia industrial e inovação: Uma análise a partir da noção de configuração espacial produtiva.** In: Geografia da inovação: território, redes e finanças / organizado por GOMES M. T. S., TUNES R. H., OLIVEIRA F. G. de. - Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2020.

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Na procura do Lugar o encontro da Identidade.** As ocupações de Terra em Osasco-São Paulo. 1988. 417 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM

GEOGRAFIA

55 EDIÇÃO ONLINE

10 À 15 DE OUTUBRO DE 2021

ISSN: 2175-8875

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção.** São Paulo. Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira** – 5, d., 3. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SOJA, Edward w. **Geografias Pós-modernas: A Reafirmação do Espaço na Teoria Social;** tradução [da 2ª ed. Inglesa], Vera Ribeiro^o revisão técnica, Bertha Becker, Lia Machado, -- Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.1993.